

Diálogos Poéticos entre Portugal e Itália reflexões no limiar

Serena Cacchioli (org.)

Fonógrafo

Vai declamando um cómico defunto.
Uma plateia ri, perdidamente,
Do bom jarreta... E há um odor no ar
A cripta e a pó, — do anacrónico a

Muda o registo, eis uma barcarola:
Laios, lírios, águas do rio, a lua.
Ante o Seu corpo o sonho meu flutua
Sobre um paúl, — extática corola.

Muda outra vez: gorjeios, estribilos
Dum clarín de ouro — o cheiro de junquillos,
Vívido e agrio! — tocando a alvorada...

Cessou. E, amorosa, a alma das cornetas
Quebra-se agora orvalhada e velada.
Primavera. Manhã. Que eflúvio de violetas!

118

Fonógrafo

Va declamando un cómico difunto.
El público ríe perdidamente
De ese viejito... Y huele en el ambiente
A cripta — anacrónico asunto...
Laios, lírios, aguas del río,
Ante Su cuerpo flota el sueño mío
Sobre un pantano, — extática corola—,

Cambia otra vez: gorjeos, estribilos
De un clarín de oro — ¡el olor a junquillos,
Vívido y agrio! — tocando la aurora...

Cesó. Tierna, el alma de las cornetas,
Rociada y velada, se rompe ahora.
Primavera. Alba. ¡Qué aroma a violetas!

119

e-TRT. Tradutores Refletem sobre Tradução

ISBN 978-989-96677-9-2

Título: Diálogos Poéticos entre Portugal e Itália. Reflexões no limiar

Organização e prefácio: Serena Cacchioli

Nesta edição, respeita-se a opção ortográfica de cada autor.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional.

1.ª edição: fevereiro 2021

© MOV. *Corpos em Movimento: Circulações, Narrativas e Arquivos em Tradução*. Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

mov.translation@gmail.com

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00509/2020.

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



LETRAS
LISBOA



Centro de Estudos
Comparatistas

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

A coleção *e-TRT. Tradutores Refletem sobre Tradução* visa divulgar, através de pequenos *e-books*, o resultado de uma série de encontros, em formato de mesa-redonda, que desde 2014 têm vindo a ser organizados pelos investigadores do projeto *MOV. Corpos em Movimento: Circulações, Narrativas e Arquivos em Tradução*. Um dos objetivos deste projeto, em curso no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tem sido o de dar voz e visibilidade aos diversos agentes envolvidos no processo de criação de um texto traduzido (desde tradutores a editores ou revisores). As mesas-redondas *TRT* constituem-se como espaços privilegiados de encontro e diálogo polifónicos para cumprir este objetivo. Através da coleção *e-TRT*, dá-se continuidade e expressão escrita às ideias então discutidas e proporciona-se aos interessados o mesmo prazer que tivemos a ouvi-las e debatê-las. Contraria-se, assim, a suposta invisibilidade dos tradutores e colmata-se a lacuna de testemunhos de tradutores na primeira pessoa.

Marta Pacheco Pinto

In memoriam
António Fournier (1966-2019)

ÍNDICE

Serena Cacchioli

Diálogos poéticos entre Portugal e Itália.

Reflexões no limiar. Introdução 3

As tradutoras e o tradutor 11

Os testemunhos 19

Paola D'Agostino

A tradução e o encontro. Carta a António Fournier 21

José Manuel de Vasconcelos

Breve depoimento sobre alguns problemas

da tradução de poesia 25

Vanessa Castagna

Algumas reflexões sobre traduzir poesia no feminino 37

Vanessa Castagna

Algumas reflexões sobre traduzir poesia no feminino

As reflexões que tentarei expor a seguir originam-se na experiência pessoal, tanto prática como de questionamento teórico, ao longo de mais de duas décadas na tradução entre duas línguas em muitos aspectos afins, o italiano e o português. Ambas são para mim línguas maternas, ou, atentando no dado biográfico, são as minhas línguas paterna e materna respectivamente; é no diálogo constante entre as duas, na tentativa de construir uma ponte entre os dois universos que veiculam, que tenho exercido o ofício de traduzir.

Dependendo a atividade do tradutor literário em boa medida de políticas editoriais, não surpreende que a poesia ocupe um lugar circunscrito dentro do conjunto de obras que traduzi, tanto de italiano para português como vice-versa. Aliás, dessas traduções poéticas, as que chegaram a ser publicadas ou estão no prelo surgiram em contexto alheio ao mercado livreiro, estando ligadas a iniciativas culturais sem fins de lucro ou a projetos acadêmicos em que participei a convite de colegas. Outras há que ficaram por editar, apesar das perspectivas que na altura animaram a sua realização, e que surgiram por envolvimento pessoal.

Ao tentar fazer um balanço, consta que a quase totalidade da poesia que traduzi, por acaso ou talvez não, é poesia feminina, nomeadamente: uma coletânea ainda inédita de poemas notáveis da poetisa madeirense Laura Moniz (*Domus rustica*), dois poemas de Ana Luísa Amaral publicados em 2007 num dos *Quaderni del Premio Acerbi*, dedicado a Portugal¹, dez sonetos de Florbela Espanca, dez poemas de Ada Negri.

Essa forte presença feminina no domínio da poesia que traduzi contrasta com a dificuldade geral, para as poetisas, em ter um reconhecimento no contexto editorial e, por isso, considero oportuno salientar que a tradução dos versos de Laura Moniz foi uma oportunidade que se proporcionou em virtude da amizade que nos une, enquanto, como já aludi, a tradução dos versos de Florbela e Ada faz parte de um projeto académico de divulgação das duas poetisas, numa edição bilingue que visa dar a conhecer aos leitores italianos

¹ Em particular, trata-se de “Beatriz fala a Dante” e “Dante responde a Beatriz” de Ana Luísa Amaral. As traduções encontram-se inseridas no artigo de António Fournier: 2007. “I luoghi dell’anima: l’Italia nella poesia portoghese contemporanea.” In *Quaderni del Premio Letterario Giuseppe Acerbi. Letteratura del Portogallo*. Verona: Edizioni Fiorini, 114-118.

e portuguesas a relação ideal e poética entre estas duas extraordinárias mulheres e escritoras².

“... o processo de afirmação feminina na poesia ainda está a decorrer ...”

As questões de género, mais ou menos implicitamente, vêm-me acompanhando no labor da tradução e, aliás, afloram já no que concerne ao acesso à edição que envolve a poesia escrita por mulheres. A esse respeito, valeria a pena considerar qual a presença de poetisas italianas traduzidas em Portugal e, vice-versa, a de poetisas portuguesas traduzidas em Itália. É reconhecido que, já à partida, as mulheres encontram mais dificuldade para serem publicadas e, se tivermos em conta que, além disso, em geral se publica pouca poesia, evidentemente que o quadro não é muito animador.

² O volume, no prelo, é: Maria Lúcia Dal Farra, Fabio Mario da Silva, Michelle Vasconcelos e Debora Ricci, org. *Antologia Poética de Ada Negri e Florbela Espanca*. Lisboa: CLEPUL. Trata-se de apenas um dos trabalhos realizados por estudiosos e estudiosas que confluem no Gabinete em Estudos de Género do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), partindo de um projeto itinerante iniciado em Lisboa em 2014 que conta já com a realização de cinco congressos internacionais sobre estudos de género no contexto italiano e em língua portuguesa.

Como demonstra Ambra Zorat³, ao analisar de forma sistemática a presença feminina nas antologias poéticas italianas no último século e a sua inclusão no cânone, o processo de afirmação feminina na poesia ainda está a decorrer e, ainda hoje, para uma mulher é mais difícil emergir e tornar visível a sua trajetória poética, mantendo uma relação problemática com a chamada instituição literária. Seria interessante realizar uma investigação análoga para o panorama português.

Focarei aqui a atenção no contexto de receção italiano, em relação ao qual disponho de dados mais organizados e completos, para tecer algumas considerações sobre a circulação de poetisas portuguesas em Itália nas últimas décadas. Na indisponibilidade de um mapeamento das presenças individuais em antologias ou revistas, limitaremos a observação a obras em volume e, sem pretensões de exaustão, partiremos de uma seleção de dez nomes maiores da poesia portuguesa do último século: Adília Lopes, Ana Hatherly, Ana Luísa Amaral, Fiamma Hasse Pais Brandão, Florbela Espanca, Irene Lisboa, Judith Teixeira, Luiza Neto Jorge, Natália Correia, Sophia de Mello Breyner Andresen. Destas dez poetisas, apenas cinco chegaram a ser publicadas em volume não antológico em Itália, em tempos, condições e consistência bastante diversificados.

³ Ambra Zorat. 2009. *La poesia femminile italiana dagli anni settanta a oggi. Percorsi di analisi testuale*. Tese de doutoramento. Trieste: Università degli Studi di Trieste.

Confiando nos catálogos SBN (Servizio Bibliotecario Nazionale) e Worldcat, Adília Lopes, Ana Hatherly e Florbela Espanca contam com apenas uma publicação: o poeta Carlo Vittorio Cattaneo organizou em 1988 a edição bilíngue de *O Poeta de Pondichéry* de Adília Lopes numa edição esgotada e fora de mercado há décadas⁴; Ana Hatherly teve publicado *77 tisane* em 1994, por uma pequena editora de Verona com um catálogo interessante mas pouca projeção nacional⁵; a única tradução italiana em volume de Florbela Espanca data de 1934 e é ainda a de Guido Battelli⁶.

Pelo contrário, tanto Ana Luísa Amaral, que recentemente tem acumulado reconhecimentos internacionais, como a mais conhecida poetisa contemporânea portuguesa, Sophia de Mello Breyner Andresen, surgem em Itália com vários volumes da sua obra, numa sucessão de publicações que abrangem um período prolongado, confirmando o interesse que a sua produção desperta e mantém. Em particular, Ana Luísa Amaral conta com as seguintes edições italianas: *La scala di Giacobbe* (2006), *Voci* (2018), *What's in a name e altri versi* (2019)⁷, a que

⁴ Adília Lopes. 1988. *Il poeta di Pondichéry*. Trad. Carlo Vittorio Cattaneo. Roma: Empiria.

⁵ Ana Hatherly. 1994. *77 tisane*. Trad. Adelina Aletti. Verona: Colpo di Fulmine Edizioni.

⁶ Florbela Espanca. 1934. *Versi di Florbella Espanca*. Trad. Guido Battelli. Porto: Imprensa Moderna.

⁷ Ana Luísa Amaral. 2006. *La scala di Giacobbe*. San Cesario di Lecce: Manni (com tradução de Livia Apa, que também traduziu a seleção de poemas de 2007); 2010. *Voci*. Trad. Chiara De Luca. Ferrara: Kolibris; 2019. *What's in a name e altri versi*. Trad. Livia Apa. Milano: Crocetti.

se deverá acrescentar uma pequena brochura intitulada *Poesie*, realizada pelo Instituto Camões por ocasião da 15.ª edição do Premio Acerbi em 2007. A publicação mais recente acima referida destaca-se pela sede editorial especialmente prestigiada no âmbito da poesia, a Crocetti de Milão.

“... o panorama da poesia de autoria feminina traduzida em Itália [...] é fortemente dinamizado por agentes externos ao mercado editorial e livreiro, ligados aos estudos lusófonos em Itália [...]. Em contrapartida, as pequenas e médias editoras desempenham um papel inovador ...”

Sophia de Mello Breyner Andresen, por seu lado, teve as suas primeiras traduções publicadas em volume em Itália já nos anos 80, com *Il nome delle cose* (1983), traduzido por Carlo Vittorio Cattaneo, e *Il sole, il muro, il mare* (1987), traduzido pela lusitanista Giulia Lanciani; já na última década se colocam *Corpo a corpo e altre poesie* (2011), *Navigazioni*

(2011) e *Come um grido puro* (2013)⁸. Esta última publicação destaca-se das outras por ser também publicada pela editora Crocetti na tradução do lusitanista e tradutor de poesia Federico Bertolazzi, grande conhecedor da obra de Sophia.

De certa forma, o panorama da poesia de autoria feminina traduzida em Itália reflete e agudiza algumas criticidades mais generalizadas do sistema, que, por um lado, é fortemente dinamizado por agentes externos ao mercado editorial e livreiro, ligados aos estudos lusófonos em Itália: é o que revelam, no caso em análise, nomes como Giulia Lanciani, Livia Apa, Federico Bertolazzi, por exemplo. Em contrapartida, as pequenas e médias editoras desempenham um papel inovador, assumindo a introdução de autores portugueses, ou seja, de uma literatura periférica para o polissistema cultural italiano⁹, o que contudo implica, muitas vezes, uma distribuição pouco eficaz e uma circulação muito limitada no

⁸ Sophia de Mello Breyner Andresen. 1983. *Il nome delle cose*. Trad. Carlo Vittorio Cattaneo. Roma: Associazione culturale Portucale; 1987. *Il sole, il muro, il mare*. Trad. Giulia Lanciani. L'Aquila: Japadre Editore; 2011. *Corpo a corpo e altre poesie*. Trad. Simonetta Masin. Pistoia: Petite plaisance; 2011. *Navigazioni*. Trad. Elisa Scaraggi. Bari: Ellis; 2013. *Come um grido puro*. Trad. Federico Bertolazzi. Milano: Crocetti. Poderíamos acrescentar, em contexto atípico, uma publicação intitulada *Memoria*, com introdução e tradução italiana de Carlo Vittorio Cattaneo, que saiu no Luxemburgo em 1995 pelo Euroeditor.

⁹ Faz-se aqui referência à teoria dos polissistemas elaborada por: Itamar Even-Zohar. 1990. "Polysystem Theory." *Poetics Today. International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication* 11 (1): 9-26.

tempo, devido a tiragens pequenas e falta de reimpressões ou reedições¹⁰.

A minha própria experiência ao traduzir poetisas, no fundo, confirma a importância de atores de promoção da poesia (em especial de autoria feminina) entre dois polissistemas culturais que são relativamente periféricos um para o outro, apesar das seculares relações históricas, culturais, artísticas e literárias que os ligam. Por um lado, como referi, a tradução de uma poetisa contemporânea como Laura Moniz, com a inevitável dificuldade de conseguir uma entrada no mercado livreiro italiano, surge como consequência de um convívio académico, desprendido de lógicas de mercado; por outro, as clássicas Ada Negri e Florbela Espanca, apesar de consagradas nos seus próprios países, evidentemente esbarram também com um lógica de mercado que o interesse dos estudiosos tenta contrastar e compensar.

Ao traduzir poesia de autoria feminina, não posso afirmar ter aplicado conscientemente um filtro “de género”. Mas, *a posteriori*, o teor dos versos e a essência em particular de Ada Negri e Florbela Espanca levou-me inevitavelmente a questionar-me acerca da oportunidade (ou não) de enveredar por semelhante caminho, e esse processo de interrogação é

¹⁰ Para uma visão mais ampla da posição da literatura portuguesa no sistema da literatura traduzida em Itália, até anos recentes, remetemos para Vanessa Castagna: 2020. “A tradução de autores portugueses em Itália (1999-2018).” In *Travessias em Língua Portuguesa. Pesquisa linguística, ensino e tradução*. Org. Vanessa Castagna e Sandra Quarezemin. Venezia: Edizioni Ca’ Foscari, 195-221.

algo que se tem mantido vivo e que pertence ao domínio da ética em tradução.

Entre diversas leituras críticas que me têm acompanhado, gostaria de citar Luise von Flotow, quando frisa que

a quase totalidade das traduções é intencional e, como qualquer outra performance, a tradução representa/atua um texto, transplantando-o num espaço novo para novos leitores e uma nova audiência. A tradução faz escolhas deliberadas sobre que escritor(a) traduzir, que ideias e materiais estrangeiros disseminar. Estas escolhas são premeditadas, planificadas e atentamente avaliadas e o trabalho metódico palavra por palavra da tradução muitas vezes também é um trabalho de autoconsciência. Por outras palavras, pode dizer-se que a tradução é tão intencional, tão ativista, tão deliberada como qualquer outra atividade feminista ou de ativismo social¹¹.

Já citando outra estudiosa engajada, Olga Castro, pode também afirmar-se que, “tal como os feminismos se erguem

¹¹ Luise von Flotow. 2011. “Preface.” In *Translating Women*. Ed. Luise von Flotow. Ottawa: University of Ottawa Press, 4. Tradução minha. Original: “[M]ost translation is intentional; and much like any other performance, translation represents/performs a text, planting it into a new space for a new readership/audience. Translation makes deliberate choices about which writer to translate, which foreign ideas and materials to disseminate. These choices are premeditated, planned and carefully evaluated, and the meticulous word-by-word labour of translation is often equally self-aware. In other words, translation, it can be argued, is as intentional, as activist, as deliberate as any feminist or otherwise socially-activist activity.”

como um discurso de resistência contra os valores patriarcais e neoliberais que exercem uma opressão e discriminação de género, a tradução pode constituir, segundo a proposta de Venuti, «a cultural means of resistance against multinational capitalism and the political institutions to which the current global economy is allied» (2008: 18)¹².

A minha posição especial, que eu definiria ambivalente, entre as línguas e culturas italianas e portuguesas, que a meu ver apresentam de resto mais afinidades do que divergências, torna para mim o processo de tradução num ato aparentemente fluido, em que o ativismo ideal e talvez necessário como feminista se esbate na tentativa de passar sem atritos nem desvios a poesia de um lado a outro da ponte que o tradutor ou a tradutora visa construir. É um processo que, além do mais, pode alicerçar-se nas vantagens de duas línguas que, sendo da mesma família, apresentam grandes afinidades lexicais e gramaticais, sendo expressão de duas culturas cuja tradição literária também conta com um importante parentesco.

¹² Olga Castro Vázquez. 2009. "(Re)examinando horizontes en los estudios feministas de traducción: ¿hacia una tercera ola?" *MonTi. Monografías de Traducción e Interpretación* 1: 69. Disponível em <http://www.e-revistas.uji.es/index.php/monti/article/view/1644>. Tradução minha. Original: "[I]gual que los feminismos se erigen como un discurso de resistencia contra los valores patriarcales y neoliberales que ejercen una opresión y discriminación de género, la traducción puede constituir, en propuesta de Venuti, «a cultural means of resistance against multinational capitalism and the political institutions to which the current global economy is allied» (2008: 18)."

“... o processo de tradução num ato aparentemente fluido, em que o ativismo ideal e talvez necessário como feminista se esbate na tentativa de passar sem atritos nem desvios a poesia de um lado a outro da ponte que o tradutor ou a tradutora visa construir.”

Contudo, essa aparente fluidez não apaga uma problematização constante que acompanha o ato de traduzir, sobretudo quando se insere em canais de produção, edição e divulgação que se colocam fora do mercado e, de alguma forma, em contraposição às suas lógicas, mecanismos e pressupostos ideológicos. Se é verdade que, ao traduzir, nos confrontamos primeiramente com o corpo do texto, também é inegável que a consciência dos mecanismos e as normas implícitas que regem a constituição do sistema da literatura traduzida num determinado país é um pano de fundo que não deixa de interferir com o nosso labor. ■